

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOSIELE DE SOUZA BARBOSA

TERCEIRA IDADE: LUTO SIMBÓLICO NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

JOSIELE DE SOUZA BARBOSA

TERCEIRA IDADE: LUTO SIMBÓLICO NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Moema Alves Macedo

JOSIELE DE SOUZA BARBOSA

TERCEIRA IDADE: LUTO SIMBÓLICO NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso de JOSIELE DE SOUZA BARBOSA.

Orientador: Prof. Me. Moema Alves Macedo

Data da Apresentação: 09/12/2021

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Me. Moema Alves Macedo

Membro: Profa. Me. Larissa Maria Linard Ramalho

Membro: Profa. Esp. Nadya Ravella Siebra de Brito Saraiva

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

TERCEIRA IDADE:

Luto simbólico no processo de envelhecimento

Josiele de Souza Barbosa¹

Moema Alves Macêdo²

RESUMO

O trabalho discute a terceira idade e o que seja o luto simbólico no processo de envelhecimento. Para isso, possui como objetivo geral: Refletir sobre caminhos apontados para a vivência do luto simbólico na contemporaneidade de acordo com produções científicas. E como objetivos específicos: caracterizar o envelhecimento na contemporaneidade; e explanar sobre luto simbólicos no contexto de envelhecimento contemporâneo. Usa como metodologia uma pesquisa bibliográfica qualitativa e exploratória. A estrutura do artigo engloba introdução, metodologia, desenvolvimento e considerações finais. O que se pensa sobre o que seja envelhecer atualmente, como também, de que forma se pode envelhecer, são temas tratados nesse texto. Registra-se como a psicologia pode cooperar para esses processos enfatizando os significados coletivos e individuais do luto simbólico. Conclui que o envelhecimento é uma experiência com o tempo, e que refletir sobre perdas concretas e simbólicas nesse tempo da vida ainda é um assunto complexo e longe de unanimidade.

Palavras-chave: Luto Simbólico. Envelhecimento. Contemporaneidade.

ABSTRACT

The work discusses old age and what symbolic mourning is in the aging process. For this, it has as general objective: Reflect on the paths pointed out for the experience of symbolic mourning in contemporaneity, according to scientific productions. And as specific objectives: characterize aging in contemporary times; and understand symbolic mourning in the context of contemporary aging. It uses as a methodology a qualitative and exploratory bibliographic research. The structure of the article includes an introduction, methodology, development and final considerations. What is thought about what aging means today, as well as how one can get old, are themes addressed in this text. It registers how psychology can cooperate in these processes by emphasizing the collective and individual meanings of symbolic mourning. It concludes that aging is an experience over time, and that reflecting on concrete and symbolic losses at this time in life is still a complex issue and far from unanimous.

Keywords: Symbolic Grief. Aging. Contemporaneity.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: josissaba@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: moema@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre quando se considerar uma pessoa idosa ainda é um tema bastante amplo, a literatura a respeito oferece muitas possibilidades muitas vezes considera-se a idade cronológica, que é fundamentada na quantidade de anos desde o nascimento. Conforme Hoyer e Roodin(2003) a idade cronológica é meramente um marcador aproximado que influencia o comportamento ao longo do tempo.

A idade cronológica, que mensura a passagem do tempo decorrido em dias, meses e anos desde o nascimento, é um dos meios mais usuais e simples de se obter informações sobre uma pessoa. Porém, o conceito de idade é multidimensional e, por isso, a idade cronológica não se torna uma boa medida da função desenvolvimental (Hoyer & Roodin, 2003).

O que é envelhecer? Como podemos envelhecer melhor? O que se perde quando se envelhece? Essas questões antigas ainda trazem desafios contemporâneos. Se pode dizer que a resposta a essas perguntas ainda está em construção, assim como a busca por uma compreensão mais ampla do que seja o melhor quanto a envelhecer. Que já está envelhecendo mais, já é certo. Segundo a Organização Mundial da Saúde, a OMS (2005) até 2025, o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos, considerando como população idosa todas as pessoas com idade a partir de 60 anos.

Ao mesmo tempo, apesar do Brasil está se tornando um país que envelhece, de uma forma geral ainda enfrenta desafios sobre o conhecimento em torno do envelhecimento. Conforme estudo do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, Dieese (2020), até o 3º semestre de 2020, o Brasil possuía 37,7 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, o que equivale a 17,9% da população geral. Destes, 75% contribuem com 50% ou mais da renda do domicílio, 58% com comorbidades, mas apenas 26% possuíam plano de saúde. No Ceará, segue-se proximidade com os indicadores nacionais, registrando que 26% dessa população receberam auxílio emergencial durante a pandemia do Coronavírus.

Envelhecer não implica em adoecimento, e muitas percepções e suposições comuns sobre as pessoas mais velhas são baseados em estereótipos ultrapassados. Portanto, a longevidade é uma realidade dos tempos atuais e, apesar de mais aceita, ainda são necessárias adaptações pelas perdas que vão ocorrendo ao longo da vida. Dentre essas perdas, podem-se citar a morte de entes queridos, a mudança da família para lugares longínquos ou o distanciamento que a vida moderna provoca, com a valorização do individualismo e do hedonismo. Nesse sentido, é comum o idoso se deparar com situações que requerem a reconstituição de vínculos e a busca

por novas formas de viver seu cotidiano, sem contar mais com as redes de apoio familiar (BESSA; SILVA, 2008).

A diversidade das capacidades tem relação com os eventos que ocorrem durante todo o curso da vida e, frequentemente, são modificáveis. O relatório mundial de envelhecimento e saúde, reitera que é preciso formular políticas em saúde e prestar serviços de saúde para as populações que estão envelhecendo. Na vigência de políticas e serviços apropriados, o envelhecimento populacional deve ser considerado uma oportunidade tanto para o indivíduo como para as sociedades (OMS, 2015).

O envelhecimento humano é um processo gradativo que engloba aprendizagem, desenvolvimento e amadurecimento, no entanto o avanço progressivo do tempo pode culminar em diversas perdas físicas, sociais, cognitivas e exige elaboração emocional do sujeito que envelhece visando uma adaptação saudável às mudanças desta fase que avança. A sociedade ocidental não oferece um lugar de destaque aos seus idosos e estes precisam enfrentar mais perdas do envelhecimento do que ganhos da maturidade (Bromberg, 2000).

Por isso, considerando a pertinência de estudos sobre o envelhecimento para a sociedade e a academia, a pesquisa debruça-se sobre esse tema no cenário Brasileiro, investigando-a através do seguinte problema: O que apontam produções científicas contemporâneas sobre a vivência dos lutos simbólicos no processo de envelhecimento?

Para buscar atender a essa questão, este trabalho possui como objetivo geral: Refletir sobre caminhos apontados para a vivência do luto simbólico na contemporaneidade de acordo com produções científicas. E como objetivos específicos: caracterizar o envelhecimento na contemporaneidade; e explicar sobre o luto simbólico no contexto de envelhecimento contemporâneo.

Dessa forma, o trabalho discorre sobre esses objetivos, valendo-se em sua metodologia de uma pesquisa bibliográfica qualitativa e exploratória. A estrutura do artigo engloba introdução, metodologia, desenvolvimento e considerações finais. O desenvolvimento pautou nas categorias advindas da leitura flutuante e reflexiva do banco de dados da revisão bibliográfica, sendo: (1) - caracterizando o envelhecimento na contemporaneidade; (2) - compreendendo o luto simbólico da pessoa idosa no contexto contemporâneo; (3) - ressignificações e o sentido da vida na terceira idade.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada no presente artigo foi de revisão bibliográfica qualitativa e exploratória. Conforme descreve Gil (2002) este tipo de pesquisa se baseia em material previamente disponível em artigos e livros. Define-se como exploratória pois permite uma análise ampla sobre um determinado tema, também caracterizada por qualitativa por investigar nuances subjetivas enfatizando essas qualidades. Para isso, essa metodologia obedece a etapas como a escolha do tema, seguida de um levantamento bibliográfico inicial, formulação do problema de pesquisa e busca de fontes.

Além dessas etapas acrescenta-se uma leitura do material, fichamento da leitura realizada, seguida de uma organização lógica da pesquisa, para então, iniciar-se a construção do texto (GIL, 2002). A pesquisa se propõe a refletir sobre os lutos simbólicos no processo de envelhecimento no contexto do Brasil. O tema foi embasado em um levantamento bibliográfico preliminar com caráter exploratório, viabilizando mais proximidade com a construção do tema proposto, além de uma demarcação mais incisiva do problema da pesquisa.

Vale destacar, que esse tipo de pesquisa exploratória se constitui por uma flexibilidade no seu processo, permitindo assim que a elaboração do trabalho possa ser aperfeiçoada durante sua construção. Após essa etapa inicial se formula o problema. Nesse estágio, a metodologia foi reforçada com um plano de trabalho, no qual se descreveu as etapas da pesquisa (GIL, 2002). Em seguida, o problema foi assim estabelecido: O que apontam produções científicas contemporâneas sobre a vivência dos lutos simbólicos no processo de envelhecimento?

Para responder à questão foram utilizados os descritores para o levantamento de materiais bibliográficos nas bases de Dados Científicos no Google Acadêmico, Periódicos Eletrônicos em Psicologia PEPSIC e banco de teses CAPES, “luto simbólico”, “envelhecimento” e “contemporaneidade” Foram localizados 20 artigos relacionados aos objetivos da pesquisa. Como critério de inclusão foram utilizados artigos ou materiais cujo o resumo contemplaram o tema onde as publicações foram compreendidas no período de 2011 a 2021 em português e inglês. Resultados nos quais os resumos dos artigos não atendiam aos descritores foram excluídos.

Durante a leitura do material buscou-se identificar as informações do tema e do problema da pesquisa, bem como determinar relações entre os resultados e a questão da pesquisa considerando a densidade dos conteúdos. A leitura segue o primeiro reconhecimento do conteúdo nos resumos dos artigos, seleção dos resumos, para posterior leitura dos artigos

completos. Após essa etapa, seguiu-se o fichamento que consiste em registrar apontamentos das leituras, categorizando seus principais conteúdos.

Conforme Gil (2002) a ordenação lógica do assunto constou da identificação das obras e artigos pesquisados, registrando também seus conteúdos, comentários da pesquisadora, garantindo que a redação do trabalho cumprisse um fluxo lógico, o que oportunizou uma análise de dados da pesquisa com caráter informativo. Desta forma, a redação do texto foi organizada nos seguintes tópicos discursivos: (1) - caracterizando o envelhecimento na contemporaneidade; (2) - compreendendo o luto simbólico da pessoa idosa no contexto contemporâneo; (3)- ressignificações e o sentido da vida na terceira idade

3 CARACTERIZANDO O ENVELHECIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE

Caracterizar o envelhecimento no contemporâneo trata-se de descrever as formas sociais perceptivas desse tempo da vida. Ou seja, o que se pensa sobre o que seja envelhecer atualmente, como também de que forma se pode envelhecer, são temas tratados nessa discussão. Nesse sentido, a afirmação do Observatório Português dos Sistemas de Saúde (2001) contribui com um entendimento sobre o assunto, quando indica que discutir envelhecimento se trata de refletir sobre o por que as mudanças naturais do ciclo de vida do idoso são consideradas perdas?

Hoje, os esforços para combater o **idadismo** – preconceito ou discriminação com base na idade – estão em amplo crescimento, graças à crescente visibilidade de idosos ativos e saudáveis. Relatos sobre idosos que atingem idades avançadas aparecem com frequência na mídia. Na televisão, os idosos são cada vez menos retratados como pessoas decrépitas e desamparadas, e mais como indivíduos equilibrados, respeitados e sábios, mudança que pode ser importante na redução dos estereótipos negativos sobre eles (BODNER, 2009).

Isso significa pensar a qualidade de vida no envelhecimento além da ausência de doenças e diretamente associada à forma como as pessoas vivem esse tempo. Complementa essa compreensão Falcão (2010), quando aponta que envelhecer com qualidade se soma a palavra saudável, indicando que reconhecer-se com um envelhecimento com qualidade se dirige a atuação cotidiana dos sujeitos. Assim, o fazer do sujeito na velhice se constitui como caráter fundamental para a qualidade de como envelhecer, considerando também o envelhecimento como uma experiência subjetiva, o que exige ponderar as singularidades, e não apenas idade cronológica.

Quando se trata do que seja o contemporâneo, Domingues (1999) destaca que esse conceito concerne a um tempo na história da humanidade na qual o ser humano não é o centro.

Sabe-se que contemporaneidade também significa mudança, e isso equivale a enfrentar uma certa instabilidade e transformações em diversos campos. Alterações rápidas na política, ideologia, economia e sociedade impõem dificuldades e necessidade de adaptação, uma vez que é nesse cenário que se envelhece atualmente. Ao mesmo tempo, essas características exigem que se envelheça de uma determinada forma principalmente no que se refere ao trabalho.

Entretanto, essa forma de envelhecer com um tipo de utilidade social implica também em exclusão, visto que se elidem sujeitos que não se adaptam a esse padrão, o que estabelece efeitos na saúde mental das pessoas que envelhecem. Neste contexto, pode-se dizer que há um tipo de exigência na forma do como envelhecer que pode se tornar um condicionante adoecedor. Tendo em vista isso, falar de envelhecimento com qualidade de vida, é também tratar da saúde mental nessa época da vida. Neste tema a Organização Mundial da Saúde, a OMS (2002), expõe a saúde mental como um bem-estar global, analisando para isso, tanto as circunstâncias culturais como sociais.

Ainda nesse viés, defender um bem-estar geral se volta ao avanço do pensamento da sociedade e da ciência no sentido de que discutir envelhecimento na contemporaneidade ainda é um tema em construção. Ao mesmo tempo, faz-se necessário desconstruir estereótipos que condicionam a pessoa ativa na velhice à uma pessoa que realiza atividades físicas, por exemplo (WHO, 2002), ou a pessoas que realizam determinadas atividades. Entretanto, mais recentemente a OMS apresentou uma decisão polêmica ao inserir a velhice na Classificação Internacional de Doenças (CID) como uma mazela para o ano de 2022.

No Brasil, a decisão gera divergências, ao ponto de a Câmara dos Deputados debater na audiência da Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa uma solicitação a OMS para alterar essa inclusão, assinalando inclusive, que a proposta pode gerar um registro incorreto das causas da morte na velhice, além de acrescer discriminação as pessoas idosas (AGENCIA CAMARA, 2001). Mesmo sabendo que o envelhecimento não é um fenômeno simples, pelo contrário, envolve diversos campos além do físico, a decisão da OMS, fala de um contraponto em uma sociedade que apesar de envelhecer cada vez mais, pode ainda enfrentar diversas dificuldades nas percepções sobre a velhice.

Por certo, a construção do debate sobre o envelhecimento não se faz apenas de futuro ou de discussões atuais. Refletir esse tempo no contemporâneo também é feito de um retorno a alguns conceitos sobre a velhice. De acordo com Erikson e Erikson (1998) o ganho da expectativa de vida, deu-se como consequência de uma série de investimentos na qualidade de vida. Dessa forma, em geral, quanto mais se torna possível viver bem, mais se torna possível a longevidade. Salienta-se que viver bem, incluem campos que passam pelo físico, social,

cultural, profissional, psicológico, espiritual. Importante ressaltar, que o espiritual não se trata apenas de vivências religiosas ritualizadas, mas de uma experiência humana mais ampla.

Dado isso, acrescenta-se a possibilidade de estudar o envelhecimento em três grupos, sendo os idosos jovens que contemplam as idades de 65 a 74 anos, as idades de 75 a 84 anos dos idosos velhos, e por fim, os idosos mais velhos nas idades de 85 anos a mais. Apesar de haver exceções, as pessoas idosas mais velhas se constituem como grupo com mais vulnerabilidade a doenças e que podem apresentar impedimentos para realizar atividades cotidianas. É possível também analisar a velhice a partir da forma como as pessoas são ativas em cada idade. À medida que uma pessoa é funcional na sua idade cronológica ela desafia o conceito de velhice como um tempo apenas de perdas. Também independente da forma como se analise o envelhecimento, se deve considerar que as singularidades não devem ser apagadas (ERIKSON; ERIKSON, 1998).

A partir dessa explicação se pode argumentar que o estudo sobre o envelhecimento não se pauta apenas na cronologia, e sim no entendimento das experiências dos sujeitos, nas formas como se vive o cotidiano, como também se planeja o futuro. Ainda mencionam Erikson e Erikson (1998) que pensar a velhice no contemporâneo e no futuro não se trata de não tentar envelhecer, ou de prolongar a juventude. Pelo contrário, significa discutir esse tempo de forma mais ampla, de modo que cada pessoa possa aproveitar a vida, criar e construir oportunidades também nessa fase.

Ao mesmo tempo, ainda é comum que o envelhecimento esteja associado à morte de forma não positiva. De fato, não se nega que quanto mais o tempo passa, mais a possibilidade da morte se torna mais incisiva. Entretanto, a experiência da finitude não deve ater-se a evitar a morte a qualquer custo. Registra-se que no contemporâneo ainda é comum que a morte seja um tema ainda silencioso e excluído de debate que permita elaborar a finitude como experiência humana, assim como discuti-la no seu laço com o envelhecimento. Neste sentido, a falta de questionamento em torno desse tema quanto a velhice aponta uma incapacidade para lidar com algo tão pertinente à vida humana (MARTINS; LIMA, 2014).

Complementa Lessa (2021) que o envelhecimento é um processo que deve ser considerado nas possíveis perdas gradativas, as quais são compostas de aspectos biológicos, psicológicos e também sociológicos. Assim, a construção do debate do envelhecimento na contemporaneidade deve considerar que cada pessoa envelhece de uma forma. A autora critica a associação da saúde com juventude, ou sua contrapartida, a associação da doença com a velhice, o que vai de encontro a decisão da OMS já citada anteriormente. Se pode identificar

que em torno da velhice ainda se enfrentam estereótipos e desafios no que seja o seu conceito, ou a consideração das singularidades dos sujeitos na experiência do envelhecer.

O trabalho de Santos (2017) aponta para as pessoas idosas que permanecem no mercado de trabalho, de modo a dar outros sentidos a sua função social, profissional e familiar. Trata-se de um processo de redescoberta dos possíveis para cada sujeito nessa fase, ao mesmo tempo que assinala para a psicologia desafios nesse campo. Se cada vez mais, o Brasil se torna um país mais velho, isso implica também em questionar o trabalho da psicologia na escuta desses sujeitos na clínica e além dela. Neste sentido, a discussão de quais políticas públicas melhor atende a essa população se tornam cada vez mais fundamentais no presente e futuro.

Não menos importante, se impõe a necessidade de repensar a visão do idoso como pessoa infantil, que não sabe ou não pode responder por si. Isso não significa desconsiderar o adoecimento que pode fragilizar essas capacidades, pelo contrário, se trata de não ter como premissa que o envelhecimento seria um tipo de retorno à infância. Destaca Barroso (2021) que o envelhecimento também é circunscrito por discursos e cabe a cada um escolher ceder a esses discursos ou não. Um discurso imperante é que a pessoa idosa deve ser útil, deve fazer isso ou aquilo, o que muitas vezes apaga experiências subjetivas do fazer ou não fazer no tempo e com ele. Portanto, insistir na velhice como uma experiência singular, sem desprezar a responsabilidade do estado ou a social, aponta para reconhecer uma outra experiência de envelhecer.

Em suma, é um desafio também na contemporaneidade referenciar a experiência da velhice valorizando o saber desse tempo, assim como as identidades e subjetividades construídas por cada um que vive a experiência desse momento. Portanto, como enfatiza Barroso (2021) envelhecer é uma experiência de saber a ser escutada que demanda da sociedade contemporânea outra postura. Muito mais que impor discursos sobre a velhice, a questão em torno desse processo é aprender cada vez mais com aquelas e aqueles que envelhecem emprestando atenção e reconhecimento a essas vivências.

Entretanto, cada momento da vida humana requer mudanças e adaptações. Essas mudanças podem ser sentidas como perdas necessárias ao avanço da fase posterior. Essas perdas que podem ser vividas pelo sujeito como lutos simbólicos.

3.1 COMPREENDENDO O LUTO SIMBÓLICO DA PESSOA IDOSA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Segundo Cassorla (1991 apud KOVÁCS, 2008) considera que a morte está presente em nossas vidas e das mais variadas maneiras e que a morte física será a última, no entanto teremos as mortes parciais ou totais na área somática, mental e social. Ainda conforme Kovács (2008) são várias experiências de morte em vida, além disso o desenvolvimento futuro representa perda, morte e sacrifício de formas anteriores, onde existia angústia diante do novo, e que a velhice é um momento de profundas separações, onde ocorre a despedida do trabalho, dos familiares, do seu corpo e pertences, e também da própria vida.

Dessa forma entende-se que as perdas e sua elaboração estão presentes no nosso cotidiano, já que são necessárias para o desenvolvimento humano. Nessa mesma via a aposentadoria surge como a perda maior, catalisadora de todas as outras: perde-se o contato com os amigos, reduz-se a renda, a possibilidade de ser produtivo está implicitamente cortada e, para a grande maioria, o período entre aposentadoria e morte não oferece qualquer possibilidade de reelaboração ou construção. É a ante-sala da morte que em qualquer circunstância, vem como a única certeza. As restrições financeiras podem exacerbar problema de solidão e de dificuldades de se ajustar a um novo papel, o que agrava a condição se à aposentadoria se somar o luto pela morte do cônjuge (BOWLING e CARTWRIGHT, 1982). Também vale discutir a síndrome do ninho vazio, com a saída dos filhos da casa materna/paterna, caracteriza-se pelo sentimento de luto que os pais experenciam quando seus filhos saem de casa para “ganhar o mundo”, que pode provocar sentimentos de melancolia, tristeza e solidão. (SARTORI e ZILBERMAN, 2009)

O envelhecimento social da população traz uma modificação no status do velho e no relacionamento dele com outras pessoas, como a crise de identidade, mudanças de identidade, aposentadoria, perdas diversas e a diminuição dos contatos sociais (ZIMMERMAN, 2000)

A dependência, a dificuldade de cuidar da própria existência, faz o indivíduo se sentir infantilizado; ele, que sempre se dispôs a cuidar dos outros, se depara com a perda de sua autonomia e se vê sem projetos de vida individuais, sem sonhos, sem perspectiva de futuro, sem esperança; perde sua identidade, porque, no caminho da existência, se auto abandonou, esquecendo-se que é único e que pode manter seu propósito de vida. Soma-se a isso, as sensações de solidão e isolamento social que dependem da história de cada um, provocadas por circunstâncias onde o indivíduo considera estar só, sem ninguém para partilhar a vida ou para auxiliá-lo durante esse último estágio do seu ciclo vital (HEREDIA, CORTELLETTI e CASARA, 2014).

Recorda GILBERT (1982) que é possível promover uma mudança de estilo de vida no período de envelhecimento, assim saindo (e não entrando) de uma atitude passiva e utilizando

os recursos disponíveis para atuar sobre a realidade. Incentiva o contato com os amigos, com as pessoas mais jovens, parentes ou não, com os próprios pais e o cônjuge, se ainda estiverem vivos. Ressalta, porém, que isso deve ser feito não por meio da negação da condição do envelhecimento e sim de trocas possíveis entre pessoas com experiências diferentes.

Para Erikson e Erikson (1986), a conquista culminante da vida adulta tardia é o senso de integridade do ego, ou integridade do self, conquista fundamentada na reflexão sobre a própria vida. No oitavo e último estágio do ciclo de vida, **integridade do ego versus desespero**, os adultos mais velhos têm de avaliar e aceitar suas vidas para poderem aceitar a morte. A partir dos resultados dos sete estágios anteriores, lutam para conquistar um senso de coerência e totalidade, em vez de se entregar ao desespero por sua incapacidade de reviver o passado de forma diferente (Erikson, Erikson e Kivnick, 1986). As pessoas bem-sucedidas nesta tarefa final de integração adquirem o entendimento do significado de suas vidas dentro da ordem social mais ampla. A virtude que pode se desenvolver nessa etapa é a sabedoria, um “interesse informado e imparcial pela vida em si diante da morte” (Erikson, 1985, p. 61).

Erikson acreditava, porém, que, mesmo quando as funções do corpo enfraquecem, as pessoas devem manter um “envolvimento vital” na sociedade. Com base em estudos feitos sobre as histórias de vida de octogenários, ele concluiu que a integridade do ego resulta não somente da reflexão sobre o passado, mas de contínuos estímulos e desafios – quer por meio de atividade política, de programas de manutenção da boa forma, do trabalho criativo, quer pelos relacionamentos com os netos (ERIKSON et al., 1986).

3.2 RESIGNIFICAÇÕES E O SENTIDO DA VIDA NA TERCEIRA IDADE

Na Psicologia, Viktor Frankl (1905-1997) foi pioneiro ao escrever e questionar sistematicamente sobre o sentido da vida. Frankl dedicou-se ao trabalho clínico-terapêutico e fundou a Logoterapia, também conhecida como Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, ou Psicologia do Sentido da Vida, cuja premissa básica é a busca de sentido para a vida. O trabalho de Frankl é todo voltado às questões existenciais.

O sentido diz respeito à totalidade da vida de uma pessoa e também ao momento presente. Existe também um sentido último, mais amplo - o sentido da totalidade da vida de todos. Pode-se utilizar a seguinte metáfora: um filme é feito com milhares de fotos. Cada uma tem um sentido, mas o sentido do filme todo só será compreensível ao final da exibição. Então, só é possível compreender o sentido da vida de uma pessoa como um todo no encerramento desta vida, ou após o encerramento (Frankl, 1948/1993).

Reker (1997) afirma que o sentido de vida está associado a ter um propósito, uma direção, uma razão para a existência, ter uma percepção de identidade pessoal e interesse social, além de sentir-se satisfeito com a vida, mesmo diante de situações difíceis, quando o objetivo para que viver é essencial. Na dimensão individual, as crenças, os valores e as necessidades da pessoa norteiam quais as metas que elas devem perseguir e em quais relacionamentos deve investir. Isso funciona como um guia para as buscas e os engajamentos individuais.

A problemática que envolve a velhice, constituindo-se como o último estágio do ciclo de vida, atualmente, tem sido pensada na sociedade como distinta em suas vicissitudes. Estudos vêm sendo realizados com o intuito de, não somente explicar os fatores negativos deste estágio da vida, mas também de ressaltar os seus fatores positivos, afirmando que, mesmo com tais fatores negativos, que lhe são peculiares, é possível ao indivíduo superá-los, encontrando um sentido significativo na sua experiência de envelhecer frente aos desafios do caminho da existência. (ARAÚJO e CARVALHO, 2005)

Atchley (1989) desenvolve um modelo que trata de mudanças sofridas por adultos. A premissa central de sua tese, chamada de teoria da continuidade, é a de que na meia-idade e na velhice as mudanças sofridas pelos adultos têm por finalidade a adaptação, a preservação e a manutenção de estruturas externas e internas, e defende que, para tanto, são utilizadas estratégias ampliadas, desenvolvidas e adaptadas às novas situações. Os adultos utilizam-se das experiências passadas para resolver as questões do presente, numa forma de continuidade e adaptação. Coerência e consistência são parte desse pressuposto, o que não significa oposição à mudança. Crescimento, desenvolvimento e mudanças adaptativas não implicam permanecer sempre da mesma forma. Acontecimentos variados podem modificar a direção e o contexto de vida, o que não significa rompimento total com o passado. O modelo consiste de princípios gerais adaptativos para as pessoas que estão envelhecendo normalmente e de formas de utilização dessas estratégias no trabalho, na vida pessoal, na esfera familiar e no convívio social (ATCHLEY, 1989).

O modelo de continuidade liga adaptação à história de vida, e estabilidade autopercebida (continuidade interna) à rede de suporte social e à interação na comunidade (continuidade externa). Continuidade interna é essencial para a integridade do ego e necessária para a autoestima. Kaufman (1987) afirma que adaptação na vida tardia é um processo em que passado e presente estão em interação; para isso, o passado precisa ser organizado e compreendido como forma de auxílio para o enfrentamento dos eventos presentes.

Ademais a interação social é de suma importância nesse processo e, ainda segundo o autor, se conseguíssemos descobrir as fontes de sentido que estão imbricadas nesse contexto,

teríamos informações valiosas a respeito de desenvolvimento e continuidade. Lazarus (1998) também aborda que envelhecer bem requer compensação de perdas físicas e mentais, com o objetivo de manter em destaque os valores importantes e as metas de vida.

As pessoas mais velhas necessitam manter o senso de continuidade com o passado, porque isso ajuda no enfrentamento das mudanças. Os estudos apontam para a continuidade do sentido na vida e continuidade do *self*. Estudos com populações idosas mostram a relevância do sentido como fator protetor para depressão. Reker (1997), num estudo sobre depressão em idosos, revela que ter um propósito e ser otimista são fatores de proteção contra a depressão. Fry (2001), em uma pesquisa com adultos viúvos, com o objetivo de investigar se variáveis existenciais como o significado pessoal, o otimismo, a religiosidade e a acessibilidade ao suporte religioso eram preditores de bem-estar psicológico, relata que ter um propósito na vida ajuda a superar a perda e também na prevenção de depressão.

Krause (2003) investigou o significado religioso, definido como um processo que envolve a religião como esforço para descobrir um senso de propósito na vida, um senso de direção e uma razão para a existência, em idosos. O autor associou significado religioso a bem-estar subjetivo. Concluiu que os idosos que tinham o senso de significado religioso tenderam a ter maior nível de satisfação na vida, maior autoestima e otimismo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho buscou apresentar o que apontam as produções científicas contemporâneas sobre a vivência dos lutos simbólicos no processo de envelhecimento. Foi identificado que refletir sobre perdas concretas e simbólicas nesse tempo da vida, ainda é um assunto complexo e longe de unanimidade. Apesar das mudanças desse ciclo da vida serem consideradas perdas inicialmente, já constam discussões sobre esses significados sociais, como também existem um questionamento sobre os entendimentos do que seja o envelhecimento e de como uma elaboração pode ser construída nesse contexto.

Essas reflexões intencionam diminuir o preconceito ou a discriminação baseada na idade como o idadismo, de modo que a sociedade possa conhecer mais sobre esse ciclo da vida, incluindo suas possibilidades e experiências singulares. As pesquisas científicas, também tratam a velhice como uma experiência de saber, indicando que a sociedade repense estereótipos da velhice como um tempo feito apenas de rompimentos.

Há um movimento em vistas da compreensão do que seja o luto simbólico da pessoa idosa, o qual considera o envolvimento da pessoa na sociedade em diversas atividades como

política, trabalho, relacionamentos. Se enfatizam estudos sobre as histórias de vida, a relação com a saúde e como cada um pode se preparar para esse tempo de sua vida. Destaca-se um movimento de ressignificar e repensar o sentido da vida nesse ciclo o que contribui significativamente para a vivência de um luto simbólico.

Em suma, registra-se como a psicologia pode cooperar para esses processos enfatizando os significados coletivos e individuais, interrogando a velhice como um destino à perda, e sim, ampliando a possibilidade de se preparar para esse tempo. Assim, evidencia-se o envelhecimento como uma experiência com o tempo, no qual cada um pode vivenciar uma nova relação com a perda e a vida.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, E. P. Reflexões sobre a velhice: Identidades possí-veis no processo de envelhecimento na contemporaneidade. **Rev. História Oral**, v. 24, n. (1), 2021. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1128>. Acesso em 03 de outubro de 2021.
- BROMBERG, M. H. P. F. (2000). **A psicoterapia em situações de perdas e luto**. Campinas, SP: Livro Pleno.
- CAMARA DOS DEPUTADOS. **Debatedores pedem retirada do termo velhice da Classificação Internacional de Doenças**. Agência Senado, 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/786247-debatedores-pedem-retirada-do-termo-velhice-da>. Acesso em 03 de outubro de 2021.
- CORDELLA, B. H. P.. Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades In: FRAZÃO, L. M. e FUKUMITSU, K. O. (Org.) **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.
- CORTE, B.; M., E.F.; Arcuri, I.G. **Envelhecimento e velhice: um guia para a vida**. São Paulo: Vetor, 2006.
- CUNHA, M. V. P. de O.; COSTA, A. D. L. **Diretrizes projetuais para a acessibilidade física do idoso ao espaço público urbano: a Praça São Gonçalo**. João Pessoa - PB. In: Simpósio brasileiro de qualidade do projeto no ambiente construído, 2., Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ e PPG-IAU USP, 03 e 04 nov. 2011.
- de Almeida Magalhães, A. T., & de Souza, J. C. P. Depressão na terceira idade: Fatores desencadeantes e os reflexos na qualidade de vida. **A Saúde Mental do Amazônida em Discussão**, 35.
- DEZAN, S. Z. O Envelhecimento na Contemporaneidade. **Rev. de Psicologia da UNESP**, v. 14, n. 2, p. 28-42, 2015.
- DIEESE, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Perfil das pessoas com 60 anos ou mais**. 2020. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/graficoPerfil60AnosMais.html>. Acesso em 04 de outubro de 2021.
- ERIKSON, E. H; ERIKSON, J. **O ciclo da vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FALCÃO, D.V.S. (Org.). **A família e o idoso: desafios da contemporaneidade**. Campinas: Papyrus, 2010.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GRAEFF, B. Envelhecimento, velhice e saúde: transformando o invisível em visível. **Revista de Direito Sanitário**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 77-82, 2014. DOI: 10.11606/issn.2316-

9044.v15i1p77-82. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdisan/article/view/82807>. Acesso em: 3 nov. 2021.

LESSA, Claudete Regina Magalhães. O envelhecimento na contemporaneidade: o papel do profissional de psicologia em uma sociedade que envelhece. **Rev. Longeviver**, Ano III, n. 11, Jul/Ago/Set. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/viewFile/924/985> . Acesso em 03 de outubro de 2021.

MARTINS, M.; LIMA, P. V. de A. Contribuição da GestaltTerapia para os enfrentamentos das perdas e da morte. **Rev IGT na Rede**, v. 11 n. 20, 2014. Disponível em: <https://www.igt.psc.br/ojs/include/getdoc.php?id=2566&article=483&mode=pdf>. Acesso em 03 de outubro de 2021.

OBSERVATÓRIO PORTUGUÊS DOS SISTEMAS DE SAÚDE. **Conhecer os caminhos da Saúde. Relatório de Primavera**, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

PAPALIA, D.E., FELDMAN, O. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PEREIRA, S. M.; PIRES, E. F. As experiências de perdas e luto na contemporaneidade: um estudo bibliográfico. **Rev. Educação-UNG-Ser**, v. 13, n. 1, p. 200-217, 2018. Acesso em 03 de outubro de 2021.

SANTOS, N. M. dos. Ajustamentos criativos no processo do envelhecimento na contemporaneidade. **Rev. Psicologia.pt**, 2017. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1086.pdf>. Acesso em 03 de outubro de 2021.

Schneider, R. H., & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia** (Campinas), 25, 585-593.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **Rev. História, Ciências, Saúde-Manguinhos [online]**. 2008, v. 15, n. 1, pp. 155-168. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702008000100009>>. Acesso em 03 de outubro de 2021.

SILVA, L. R. F. Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional?. **Physis: Rev. de Saúde Coletiva [online]**. 2008, v. 18, n. 4 . Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312008000400011>>. Acesso em 03 de outubro de 2021.

SILVEIRA, D. R.; MAHFOUD, M. Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência. Estudos de Psicologia. **Rev. Campinas [online]**. 2008, v. 25, n. 4. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400011>>. Acesso em 03 de outubro de 2021.

SOMMERHALDER, C. Sentido de vida na fase adulta e velhice. **Rev. Psicologia: Reflexão e Crítica [online]**. 2010, v. 23, n. 2, pp. 270-277. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000200009>>. Acesso em 03 de outubro de 2021.

WHITAKER, D. C. A. O idoso na contemporaneidade: a necessidade de se educar a sociedade para as exigências desse "novo" ator social, titular de direitos. **Rev. Cadernos CEDES [online]**. 2010, v. 30, n. 81, pp. 179-188. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-32622010000200004>>. Acesso em 03 de outubro de 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Relatório Mundial de Saúde. **Saúde Mental: nova concepção, nova esperança**, 2002.